

HAGIOGRAFIA E HISTÓRIA: OS TEXTOS COMO CONSTRUÇÃO

João Luís Inglês Fontes

Pouco depois de 1451, Frei João Álvares escreve (ou conclui) o seu famoso Trautado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Senhor Infante D. Fernando. No rescaldo da recuperação de parte dos restos morais do seu antigo senhor, desde logo reconduzidos à capela que, no mosteiro de Santa Maria da Vitória, exaltava a memória dos fundadores da dinastia de Avis, o texto traça uma biografia do Infante, o mais novo dos filhos de João I e Filipa de Lencastre, tragicamente marcada pela sua morte em cativo, sob poder dos muçulmanos, após a malograda tentativa de conquista da praça norte-africana de Tânger.

O texto tem dividido muitos estudiosos na sua classificação, num debate preso ainda a géneros literários estanques, na dicotomia entre crónica e hagiografia, entre textos pretensamente escritos para registar fidedignamente os sucessos do passado e outros, de carácter mais apologético e determinado pelos cânones impostos pelo seu género, que facilmente escamoteiam ou alteram os factos para construir uma memória exemplar, de santidade, dos seus biografados. Para confundir ainda mais o debate, estamos perante um texto produzido no âmbito da corte de Avis, ela própria suscitadora da produção de uma memória régia do passado do reino português, iniciada com a Crónica de Portugal de 1419 e continuada por Fernão Lopes com as crónicas do fundador da nova dinastia e dos seus antecessores, D. Pedro I e D. Fernando. Textos durante muito tempo encarados como um registo modelar e fidedigno do passado, assentes aliás num conhecimento e acesso privilegiados ao Arquivo da Coroa, dada a atribuição a Fernão Lopes do cargo de guarda-mor da Torre do Tombo.

Os estudos das últimas décadas sobre os textos cronísticos e hagiográficos, e mais genericamente sobre a produção de documentos escritos durante o período medieval têm obrigado a rever e a introduzir novos elementos na dicotomia enunciada, senão mesmo a rever a própria questão em função de novas perspectivas e problemáticas. De modo particular, o chamado textual turn tem alertado para a necessidade de olharmos para os textos como constructos, em função dos poderes que os encomendam, dos contextos em que são produzidos, dos próprios modelos de dizer e recordar o passado. A recordação por escrito de determinados actos ou acontecimentos implica sempre uma determinada memória sobre os mesmos, em função da sua importância enquanto instrumento de legitimação do presente.

Os estudos conduzidos sobre a historiografia medieval portuguesa – e remetemo-nos aqui para a esclarecedora síntese produzida por Luís Krus sobre o assunto – mostram como a dinastia de Avis procurou promover uma memória régia do passado do reino português, distinta da memória senhorial ou linhagística ou da recordação do passado em contexto ibérico mais amplo – como forma de legitimação e exaltação do protagonismo dos monarcas na construção do reino português e, em particular, da nova dinastia, ela própria continuadora de tal obra, fosse na luta contra os seus inimigos e na exaltação da fé (elementos, aliás, aplicáveis tanto aos castelhanos como os muçulmanos). Lurdes Rosa e Cristina Sobral, por seu lado, têm chamado a atenção, na linha da melhor historiografia sobre o assunto, para a necessidade de perceber como a hagiografia serve e se inscreve em contextos concretos de promoção de poderes, grupos e instituições, permeando inclusive textos cronísticos e partilhando com eles intuítos apologéticos e legitimadores. A inscrição destas verdadeiras biografias

FONTES, João Luís Inglês. HAGIOGRAFIA E HISTÓRIA: OS TEXTOS COMO CONSTRUÇÃO. *Hagiografia e História*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

sagradas numa tradição narrativa mais vasta dá-lhes uma outra profundidade, multiplicando as possibilidades de leitura e o alcance do próprio relato nas suas intertextualidades.

No caso da biografia redigida por Frei João Álvares, associado desde cedo à Corte de Avis e ao serviço de D. Fernando (a par, aliás, com Fernão Lopes), o texto construído bebe tanto da tradição hagiográfica como dos modelos cronísticos praticados e promovidos pela nova dinastia para construir uma biografia exemplar e sacralizadora do príncipe e, com ele, da própria casa reinante a que se encontra associado. Nele se cruzam o modelo do senhor devoto e culto, do cavaleiro-cruzado cristão na luta contra os inimigos da fé cristã e do mártir, daquele que dá a vida pelos seus. Se os dois primeiros determinam, de forma particular, o modo como Frei João Álvares organiza a informação sobre o período anterior à expedição norte-africana - na descrição do nascimento do Infante, o cuidado com a sua casa e as suas muitas virtudes e devoções, ou os preparativos antes da partida –, já o modelo martirial acompanha toda a descrição do cativo até à morte, com uma clara intertextualidade com os textos evangélicos e as narrativas da Paixão de Cristo. Contudo, os acontecimentos recordados acompanham também a cronologia das tentativas de resgate do Infante e dos condicionalismos diversos que impediram, afinal, a sua concretização. A comoção que, desde a Alta Idade Média, suscitava a morte trágica de reis e príncipes é aqui convocada para a exaltação da dinastia e para a prossecução das conquistas norte-africanas, aliás legitimada pela continuidade da humilhação imposta ao Infante cujas ossadas permaneciam na posse dos muçulmanos. Tal como as crónicas, o texto um efectivo constructo, legitimador do presente e capaz, pela recordação que assegura, de mobilizar para projectos que actualizam e tornam operativa tal memória.

Para saber mais

ÁLVARES, Frei João – Obras. Vol. I – Trautado da Vida e Feitos do Mui Virtuoso Senhor Ifante Dom Fernando. Ed. Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960.

FONTES, João Luís Inglês – Percursos e Memória: do Infante D. Fernando ao Infante Santo. Cascais: Patrimonia, 2000.

KRUS, Luís – “Historiografia”. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (dir.) – Dicionário de História Religiosa de Portugal, tomo IV, Lisboa, Círculo de Leitores – CEHR da UCP, 2001, pp. 512-523.

RÍOS SALOMA, Martín F – “De la Historia de las Mentalidades a la Historia Cultural. Notas sobre el desarrollo de la Historiografía en la segunda mitad del siglo XX”. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México* 37 (enero-junio 2009), pp. 97-137.

ROSA, Maria de Lurdes – “A santidade no Portugal medieval: narrativas e trajectos de vida”. *Lusitania Sacra*, 2ª série, 13-14 (2001-2002), pp. 369-450.

SOBRAL, Cristina – “O modelo discursivo hagiográfico”. *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Porto, Faculdade de Letras, 1995, pp. 97-107.

FONTES, João Luís Inglês. HAGIOGRAFIA E HISTÓRIA: OS TEXTOS COMO CONSTRUÇÃO. *Hagiografia e História. In: Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>